



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO

**Cuidados parentais e trajetórias de desenvolvimento: um estudo observacional de díades
mãe-bebê de dois níveis socioeconômicos de Belém, Brasil.**

Mariane Sarmiento da Silva

Belém - Pará
2012



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO

**Cuidados parentais e trajetórias de desenvolvimento: um estudo observacional de díades
mãe-bebê de dois níveis socioeconômicos de Belém, Brasil.**

Mariane Sarmento da Silva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Ecoetologia

Orientadora: Prof. Dr^a. Marilice Fernandes Garotti.

Belém - Pará
2012

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Central da UFPA- Belém- PA

Silva, Mariane Sarmento da

Cuidados parentais e trajetórias de desenvolvimento: um estudo observacional de díades mãe-bebê de dois níveis socioeconômicos de Belém, Brasil / Mariane Sarmento da Silva ; orientador, Prof^ª. Dr^ª. Marilice Fernandes Garotti – 2012.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, 2012.

1. Mãe e filhos. 2. Comportamento de apego em crianças – Estudos interculturais. 3. Comunicação interpessoal. I. Garotti, Marilice Fernandes, orient. II. Título.

CDD 22. ed.: 155.418



Serviço Público Federal
Cidade Universitária Prof. José da Silveira Neto
Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento
Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento

Dissertação de Mestrado

“Investimento parental de mães de dois contextos
socioeconômicos urbanos de Belém”.

Candidata: MARIANE SARMENTO DA SILVA

Data da Defesa: 02 de Março de 2012.

Resultado: Aprovada.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Marilice Fernandes Garotti (UFPA), Orientadora.

Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia Seidl de Moura (UERJ), Membro.

Prof.^a Dr.^a Regina Célia Sousa Brito (UFPA), Membro.

Dedico este trabalho a todas as pessoas que me amam e que acreditaram que eu seria capaz de superar todos os obstáculos e vencer.

“O correr da vida embrulha tudo.
A vida é assim: esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem”.

João Guimarães Rosa

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	i
LISTA DE TABELAS	ii
RESUMO	iii
ABSTRACT	iv
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	01
MÉTODO	15
Aspectos éticos.....	15
Participantes.....	15
Ambientes, instrumentos e forma de coleta dos dados.....	16
Material e Equipamentos	16
Procedimentos	16
Procedimentos de análise dos dados	16
Categorias codificadas	17
RESULTADOS	20
Fidedignidade	20
Perfil sociodemográfico das mães	20
Avaliando os sistemas parentais e os estilos parentais.....	22
Avaliando os mecanismos e interação.....	27
Avaliando o estilo conversacional	30
DISCUSSÃO.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
ANEXOS	45
ANEXO I – Carta de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa	46
ANEXO II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	47
ANEXO III – Anamnese	48

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Percentagem de ocorrência dos sistemas parentais contato corporal (CC), estimulação corporal (EC), estimulação por objeto (EO), trocas face-a-face (FF) e interação verbal (IV) nos intervalos analisados. Os asteriscos (*) indicam diferenças significativas entre os grupos de mães.	25
Figura 2. Frequência dos estilos parentais nos dois contextos. O asterisco (*) indica significância estatística.	26
Figura 3. Frequência de sinais dos bebês (TSB) e percentual de ocorrência das categorias de responsividade materna (respostas contingentes [RCM], respostas contingentes aos sinais positivos [RCMSP], negativos [RCMSN], respostas contingentes e com calor emocional para sinais positivos [RCMCEP] e negativos [RCMCEN]), e de categorias dos sinais emitidos pelos bebês (sinais positivos [SBP], sinais negativos [SBN] e sinais que não receberam respostas contingentes das mães [SSR]) para as díades dos dois contextos socioeconômicos. ...	28
Figura 4. Frequência média de latência das respostas das mães aos sinais do bebê.....	29
Figura 5. Percentual de episódios verbais caracterizados como diretivo ou elaborativo para os dois grupos de mães. O asterisco (*) indica significância estatística.	30

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Descrição das variáveis sociodemográficas para os dois grupos e probabilidade associada às diferenças significativas encontradas entre as classes.....	21
--	----

Silva, M. S. (2012). *Cuidados parentais e trajetórias de desenvolvimento: um estudo observacional de díades mãe-bebê de dois níveis socioeconômicos de Belém, Brasil*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Belém-Pa: Universidade Federal do Pará, 59 páginas.

RESUMO

Este estudo utilizou como referência teórico o Modelo de Investimento Parental proposto por Heidi Keller, que indica seis sistemas parentais – cuidados primários, contato corporal, estimulação corporal, estimulação por objeto, troca face-a-face e envelope narrativo – e três mecanismos de interação – atenção, contingência e calor emocional, os quais são independentes entre si e a predominância de um ou outro dependerá da cultura e de características socioeconômicas. Os objetivos desse trabalho foram caracterizar o investimento parental de díades mãe-bebê pertencentes às classes socioeconômicas baixa (CEB) e média (CEM) da cidade de Belém e o estilo conversacional utilizado nas emissões verbais das mães quando em interação verbal com seus bebês. Participaram 20 mães, sendo nove da CEB e 11 da CEM. A média da idade das mães da CEB foi 24,5, a maioria tinha o nível de escolaridade fundamental (77,8%) e médio (22,2%), completos ou não, apresentaram renda mensal inferior que as mães do outro grupo e residiam em áreas periféricas. Quanto a CEM, a média da idade das mães foi 30,7, e a maioria tinha nível educacional superior (63,3%) e residiam no centro da cidade. Foram observadas e gravadas as interações mãe-bebê em sessões de banho e troca, na casa da díade, para posterior análise e transcrição do comportamento verbal com o aplicativo Transana 2.41. Os resultados indicaram que as mães da CEB priorizaram as práticas parentais que valorizam a interdependência durante suas interações, embora também tenham apresentado práticas distais, porém com menor frequência. As mães da CEM, apresentaram práticas parentais que valorizam tanto a autonomia quanto a relacionalidade. Quanto aos mecanismos de interação, observou-se que as mães de ambos os grupos foram mais contingentes aos sinais positivos do que aos negativos do bebê, característica própria de sociedades que priorizam a independência e autonomia do sujeito; e evidenciaram mais calor emocional ao responder aos sinais positivos em comparação com os negativos. Em relação ao estilo conversacional, as mães de CEB utilizaram com maior frequência o estilo diretivo, e as mães de CEM, utilizaram os dois estilos com frequências muito próximas. Os resultados deste estudo sugerem um perfil interdependente para o grupo CEB e um perfil autônomo-relacionado para a amostra de mães urbanas de classe média.

Palavras-chave: Investimento parental, Interação mãe-bebê, Características sociodemográficas

Silva, M. S. (2012). *Parental care and development trajectories: an observational study of mother-baby dyads of two socioeconomic levels of Belém, Brazil*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém. 59 páginas.

ABSTRACT

This study was based on Heidi Keller's theoretical framework of Parental Investment Model, which indicates six parental systems – primary care, body contact, body stimulation, face-to-face exchange and narrative envelope – and three interaction mechanisms – attention, contingency and warmth and which are independent of each other and the predominance of one or the other depends on the culture and socioeconomic characteristics. The goals of this work was to characterize the parental investment of dyads mother-baby of lower socioeconomic class (CEB) and middle-class (CEM) of the city of Belém and the conversational style used in verbal emissions by the mothers during verbal interaction with your babies. The participants in the study were 20 mothers (nine of CEB and 11 of CEM). The mean age of mothers of CEB was 24,5, most had the elementary school (77,8%) and secondary (22,2%), complete or not, have monthly income less than mothers of another group and living in outlying areas. The mean age of mothers of CEM was 30,7, most had the undergraduated school (63,3%) and living in central areas. Have been observed and recorded mother-baby interactions in bathing and exchange sessions, at the home of the dyad, for later analysis and transcription of verbal behavior with the Transana 2.41. The results indicated that mothers of CEB gave more emphasis to proximal parental practices during their interactions, but also have submitted distal practices but less frequently. Mothers of CEM gave emphasis to practices enhance independence and interdependence. As interaction mechanisms, it was noted that the mothers of both groups were more contingents for positive signals of baby than negatives, characteristic of societies that prioritize the independence and autonomy of the subject; however, showed more warmth to respond to positive signals compared to the tives. In relation to the conversational style, mothers of CEB have used more frequently directive style, and mothers of CEM, used both styles with nearby frequencies. These findings indicate a pattern interdependent for CEB and a pattern autonomous-relationade for CEM.that both groups showed parental practices that enhance independence and interdependence presenting a pattern that fosters the development of children's autonomous-relational selves

Keywords: Parantal investiment, Mother-baby interaction, Sociodemographic characteristics

Bebês humanos nascem biologicamente preparados para participar do mundo por meio de competências que eliciam, primeiramente, cuidados do adulto dirigidos à sua sobrevivência e, concomitantemente, facilitam trocas interativas que estabelecerão bases para seu desenvolvimento biopsicológico. Pode-se observar, por volta dos três meses de idade, a formação de uma matriz social consistente (Keller, 2007) em que possibilidades biológicas do organismo estão se adaptando às demandas ambientais culturalmente orientadas. Análises das evidências acerca das capacidades perceptivas, de ação e de comunicação indicam que, desde o nascimento, os bebês são responsivos ao ambiente social (Seidl de Moura & Ribas, 2004; Vieira & Prado, 2004). Podem, por exemplo, imitar gestos faciais, responder seletivamente à face humana ou às propriedades da voz humana (cf. Seidl de Moura & Ribas, 2004). Seidl de Moura, Ribas, Seabra, Pessôa, Nogueira e colaboradores (2008) compararam as interações livres entre dois grupos de díades mãe-bebê. O primeiro grupo era formado por díades mãe-bebê de um mês de idade, e o outro, por díades em que os bebês tinham cinco meses de idade. Os resultados indicaram para o primeiro grupo, maior frequência de comportamentos como olhar para mãe, vocalizar, mamar, sorrir e chorar. Aos cinco meses de idade, os comportamentos mais frequentes eram olhar para mãe, tocar a mãe, vocalizar, sorrir, olhar, pegar e tocar o objeto. Esses comportamentos deflagram os cuidados de co-específicos, e regulam as primeiras trocas, nas quais os participantes se engajam reciprocamente.

Evidências acerca da importância das primeiras interações sociais para o desenvolvimento infantil vêm de diferentes áreas de pesquisa. Dados provenientes da Psicologia Transcultural sugerem que as primeiras experiências sociais formariam a base do desenvolvimento psicológico do indivíduo, fornecendo uma concepção primária do *self* (Keller, 2007; Seidl de Moura, Ribas, & cols., 2008). Nessa perspectiva, diferentes valores socioculturais orientariam práticas parentais que fundamentam trajetórias para a formação de *selves* sociocêntricos (escolhas individuais orientadas para os valores do grupo), ou de *selves* mais individualistas (escolhas orientadas para valores individuais), ou ainda, de

selves autônomo-relacionados (escolhas orientadas tanto para valores individuais quanto do grupo). Adicionalmente, estudos sobre plasticidade cerebral indicam que interações sociais entre humanos fortalecem conexões neurais (Hernández-Muela, Mulas & Mattos, 2004; Massimini & Fave, 2000; Ward, 2001). Sob a ótica evolucionária, Belsky, Bakermans-Kranenburg e van Ijzendoorn (2007) documentam inter-relações entre características específicas de interações iniciais, como sincronia mãe-bebê e um alelo específico, relacionado ao sistema dopaminérgico, e resultados desenvolvimentais posteriores, como agressividade, raiva etc. Schore (2000), indica que experiências fornecidas pelo cuidador podem modelar o potencial genético atuando como regulador psicobiológico de hormônios que influenciam diretamente a transcrição dos genes. Adicionalmente, Mayr (1988) esclarece como os genes influenciam o desenvolvimento infantil por meio de programas genéticos fixos e abertos. Os fixos, codificados no DNA do genótipo teriam efeitos invariáveis; já os programas genéticos abertos¹, mais flexíveis, permitiriam a aquisição de informações ambientais relevantes para moldar o desenvolvimento neurofisiológico e o psicológico.

Efeitos das interações iniciais não afetam apenas o bebê. Dados recentes (Feldman, Gordon, Schneiderman, Weisman & Zagoory-Sharon, 2010) mostram os efeitos, sobre os pais, de interações caracterizadas por contato corporal e estimulação corporal. O estudo investigou as variações sistemáticas do neuropeptídeo ocitocina em 120 pais e mães após contato afetivo corporal e estimulação corporal com seus bebês de quatro a seis meses de idade. Os resultados indicaram que os diferentes modos de interação observados para pais e mães relacionavam-se diferencialmente aos níveis de ocitocina no plasma e saliva. Mães engajam-se significativamente mais em contato corporal afetivo, e pais em estimulação corporal. O contato afetivo materno e a estimulação corporal paterna relacionavam-se significativamente ao aumento de ocitocina no plasma e saliva de ambos. Por outro

¹ Programas genéticos abertos permitiriam o ajuste de funções e estruturas do sistema nervoso aos efeitos diferenciais das influências ambientais, permitindo compreender como as experiências, principalmente as interpessoais, modelam a maturação geneticamente programada do cérebro (Schore, 2000; Keller, 2002).

lado, não havia relação entre ocitocina e estimulação corporal para mães e ocitocina e contato corporal para os pais. Esses resultados sugerem formas típicas de contato por parte de pais humanos. Juntos, esses dados sugerem inseparabilidade entre biologia e cultura. Não há efeito genético puro, nem efeito ambiental puro: há relações mediadas por informações ambientais entre o genótipo e o fenótipo (processos epigenéticos) que orientam o desenvolvimento (Keller, 2007).

Sistemas de práticas e significados compartilhados por uma comunidade desenvolvem-se em resposta à adaptação dos indivíduos a um dado ambiente físico e sócio-demográfico, configurando uma cultura (Keller, 2007). Keller, Hentschel, Yovsi, Lamm, Abels e colaboradores (2004) discutem dois protótipos ambientais que originam dois diferentes modelos culturais: um deles é formado por famílias educadas, pertencentes à classe média urbana das sociedades ocidentais industrializadas (modelos de independência); o outro, de subsistência, é formado por comunidades tradicionais rurais com pouca educação formal (modelos de interdependência). Esses dois modelos especificam metas de socialização, etnoteorias parentais e estratégias de criação que não se confundem. Modelos culturais de independência são caracterizados pela construção de um *self* único e distinto, em que são priorizadas as metas pessoais e a autonomia do indivíduo. As estratégias de socialização desse modelo focalizam os estados mentais e as qualidades pessoais para alcançar o auto-aperfeiçoamento e a auto-maximização. Modelos culturais que priorizam práticas parentais de interdependência concebem a construção do *self* como conectado a outras pessoas, priorizando a interconexão entre os indivíduos, reforçando a manutenção de valores sociocêntricos ou coletivistas. As estratégias de socialização desse modelo focalizam a aceitação de normas e hierarquias que contribuem para o funcionamento harmônico da comunidade, e em especial, da família (Abels, Keller, Mohite, Mankodi, Shastri & cols., 2005; Keller, Lamm, Abels, Yovsi, Borke & cols., 2006; Keller, Papaligoura, Kuensemuller, Voelker, Papaeliou & cols., 2003; Wang, Leichtman, Davies, 2000; Vieira & cols., 2010).

Kagitçibasi (2005) propõe, além dos protótipos de independência e interdependência, um terceiro protótipo cultural, o autônomo-relacionado, ou de interdependência psicológica, que concebe a construção de *selves* em que tanto a autonomia quanto a relacionalidade são valorizadas. Esse modelo cultural caracteriza famílias educadas pertencentes à classe média urbana de sociedades não ocidentais, ou famílias ocidentais de sociedades tradicionalmente interdependentes.

Diferentes culturas ocasionam diferentes etnoteorias ou etnopsicologias parentais que, por definirem os padrões de cuidados oferecidos ao bebê desde antes do nascimento, são consideradas aspectos chave do contexto de desenvolvimento infantil (Macarini, 2009; Macarini, Martins, Minetto & Vieira, 2010; Silva, 2008; Vieira, Seidl de Moura, Lordelo, Piccinini, Martins & cols., 2010). Etnoteorias parentais referem-se a um conjunto de idéias a respeito da natureza e necessidades da criança (Harkness & Super, 1996) e envolvem tanto as metas de socialização, quanto as estratégias partilhadas pela comunidade cultural para alcançar essas metas (Keller, 2007; Seidl de Moura, Ribas, & cols., 2008). São reveladas no cotidiano da criança por meio de práticas parentais orientadas por regras, julgamentos, escolhas e decisões que os pais tomam em relação a seus filhos (Kobarg, Sachetti & Vieira, 2006; Seidl de Moura, Lordelo, Vieira, Piccinini, Magalhães & cols., 2007; Silva, 2008).

Modelo de Componentes de Cuidado Parental

Compreendendo o desenvolvimento como uma interface entre biologia e cultura, Keller (2002) propôs um modelo de investimento parental que postula um repertório universal de sistemas parentais, evoluídos em resposta a problemas adaptativos enfrentados por nossos ancestrais ao longo do processo de evolução (Keller & cols., 2004). O *Modelo de Componentes de Cuidado Parental* é composto por seis sistemas parentais (cuidados primários, contato corporal, estimulação corporal, estimulação por objeto, trocas face-a-face e envelope narrativo), que por sua vez são modulados por três mecanismos de interação (atenção, contingência e calor emocional). Esses sistemas representam estilos parentais que

diferem com relação à energia, tempo, atenção e tom emocional direcionados ao bebê. A predominância e quantidade de sistemas individuais assim como as combinações entre eles variam entre culturas. Nesta perspectiva, as interações desenvolvidas com os cuidadores serão organizadas, principalmente durante o primeiro ano, de acordo com a priorização de um ou mais sistemas (Keller, 2002, 2007).

O *sistema cuidados primários* visa atender às necessidades do bebê (banho, troca de fraldas, alimentação etc.). Tem a função psicológica de reduzir a estimulação aversiva, mais do que eliciar estados comportamentais positivos ou compartilhar momentos agradáveis, promovendo o desenvolvimento do sentido de segurança e confiança na proteção do cuidador. O sistema *contato corporal* consiste em favorecer posições em que o contato corporal mãe-bebê é predominante, promovendo experiências de calor emocional. Está associado à coesão social (MacDonald, 1992) e à aceitação de normas e valores da geração anterior (Bandura, Ross & Ross, 1963), preparando o indivíduo para uma vida baseada em hierarquia e harmonia na família e no grupo social primário (Keller, Lohaus, Völker, Cappenberg & Chasiotis, 1999). O sistema *estimulação corporal* envolve qualquer estimulação motora, cinestésica, tátil e/ou do equilíbrio do bebê. Envolve atividades diádicas exclusivas e sua função é estimular o desenvolvimento motor e a intensificação da percepção corporal. Influencia a descoberta da auto-eficácia corporal em relação a recursos do ambiente. O sistema de *estimulação por objetos* é identificado quando a mãe tenta atrair a atenção do bebê utilizando um objeto e a interação é mediada por ele. Seu foco são processos atencionais extradiádicos e sua função desse sistema é ligar o bebê ao mundo de objetos e ao ambiente físico em geral. Pode estimular o desenvolvimento cognitivo e a autonomia, pois promove o desengajamento parcial do bebê da dependência de relações diádicas (Keller, 2007). O sistema *face-a-face* é caracterizado por contato visual mútuo, uso frequente de linguagem por parte da mãe e pela dedicação exclusiva de tempo e atenção em trocas diádicas. Permite a emergência de pseudo-diálogos, oferecendo ao bebê a

experiência de percepção contingente, pois seus sinais comunicativos são rapidamente respondidos pela mãe. Nessas trocas a criança percebe-se como causa das ações dos pais, sendo informada sobre individualidade e auto-eficácia (Keller, 1998, 2007). Esse sistema é bastante frequente em contextos competitivos, nos quais se observa a importância da individualidade e independência precoces.

O *envelope narrativo* consiste em toda a mediação simbólica em que o bebê é envolvido por meio da fala da mãe, e tem sido explorado de forma independente em diferentes estudos (Keller, Abels, Borke, Lamm, Su & cols., 2007; Tulviste, 2004). Comparando o comportamento verbal das mães de classe média (Estados Unidos, Estônia, Finlândia e Suécia) durante as interações com seus bebês de dois anos de idade, Tulviste (2004) concluiu que as mães americanas falavam mais com seus bebês do que as outras mães. As mães da Estônia e da Suécia falavam menos durante as interações, estimulavam menos a fala de seus bebês e utilizavam o estilo diretivo para se comunicar com eles. Por exemplo, falando para a criança o que ela deve ou não deve fazer, utilizando verbos no imperativo, demonstrando uma tendência em controlar os comportamentos do bebê (Tulviste, 2004; Tulviste & Kants, 2001).

Keller e colaboradores (2007) analisaram as diferenças e as semelhanças em relação aos cuidados direcionados ao bebê, sistemas parentais e comportamento verbal de 20 mães chinesas e 22 mães americanas em interação livre com seus bebês de três meses de idade. Os pesquisadores analisaram os comportamentos verbais e não verbais das mães durante as interações, bem como, o estilo da linguagem expressa nas etnoteorias, por meio de entrevista. As díades residiam em áreas urbanas, as mães tinham alto nível de instrução e, com exceção de uma americana, todas eram casadas. A maioria das chinesas pertencia a famílias estendidas, e as americanas, a famílias nucleares. O comportamento verbal da mãe durante as interações e entrevistas gravadas foi transcrito, analisado e classificado como comportamentos característicos do modelo cultural independente ou interdependente. Para o modelo independente, que valoriza a autonomia, eram consideradas características da fala materna como

avaliar o comportamento da criança ou referências à vontade, preferências e características da criança. Para o modelo interdependente, que valoriza o sociocentrismo, foram consideradas referências ao contexto social, a questões sociais e/ou morais e autoridade. Os resultados indicaram diferenças significativas entre as mães: durante as interações livres, as mães chinesas apresentaram as categorias relacionadas à autonomia com menor frequência que as mães euro-americanas, porém, não houve diferenças em relação às categorias relacionadas ao sociocentrismo. Durante as entrevistas, as mães euro-americanas utilizaram com mais frequência categorias relacionadas a autonomia, e as chinesas, ao sociocentrismo.

Os sistemas parentais, juntamente com os mecanismos interacionais, formam contextos de investimento parental e descrevem os arranjos experimentados pelo bebê durante os primeiros meses de vida. Os mecanismos interacionais modulam e individualizam os diferentes sistemas parentais e suas consequências psicológicas. Esses mecanismos estão relacionados à atenção, calor emocional e contingência das respostas dos pais para os sinais negativos ou positivos do bebê (Keller & cols., 2003).

De acordo com Keller (2007), os padrões de *atenção* em direção ao bebê diferem entre e intra-culturas, dependendo, inclusive, da orientação individual do cuidador com relação a sinais positivos ou negativos de emocionalidade (p.e., choro). Em algumas culturas o foco atencional é exclusivo; em outras culturas, a mãe dirige sua atenção a outras tarefas enquanto o bebê é mantido próximo. O *calor emocional* (warmth) é observado em trocas afetivas, nas expressões de afeto positivo, na abertura e acessibilidade do adulto e desempenha importante papel no desenvolvimento emocional e social. Finalmente, *contingência* faz referência à prontidão ou rapidez do cuidador em responder aos sinais do bebê, especialmente aos de estresse.

Keller e colaboradores (2003) analisaram as estratégias parentais de mães de classe média urbana, sendo 30 gregas e 33 alemãs. Foram filmadas situações de brincadeira livre das mães com seus bebês

de três meses. Para a análise, as filmagens foram divididas em intervalos de 10 segundos e as seguintes categorias foram registradas: trocas face-a-face, estimulação por objeto, contingência (resposta materna que ocorresse até um segundo após o comportamento infantil) e calor emocional. O calor emocional foi classificado como facial, quando a mãe sorria para o bebê, e vocal, quando ela utilizava a fala infantilizada. Não houve diferenças significativas entre as frequências das trocas face-a-face e estimulação por objeto. Em relação ao contexto face-a-face, as gregas sorriam mais (calor emocional facial) para seus bebês do que as alemãs, que, por outro lado, modulavam a troca face-a-face com mais experiências contingentes do que as gregas.

Modelos culturais e práticas parentais

O modelo de investimento parental descrito acima compreende o desenvolvimento como um processo e projeto de adaptação a contextos socioeconômicos e sociodemográficos. O modelo coloca, como primeira tarefa integrativa do bebê, a formação e domínio de uma matriz de relações primárias, iniciada com o nascimento, ou antes. Tais relações, provavelmente já estabelecidas por volta dos três meses de idade, podem pavimentar diferentes trajetórias de desenvolvimento, com consequências para tarefas desenvolvimentais subsequentes, como autorregulação² e autorreconhecimento³. Por exemplo, Keller, Kärtner, Borke, Yovsi e Kleis (2005) avaliaram o comportamento autorreferencial (autorreconhecimento) em crianças com idades entre 18 e 24 meses de 72 famílias provenientes de duas comunidades culturais: 31 díades eram da etnia Nso (Camarões) e 41 eram alemãs. As crianças haviam sido anteriormente observadas com suas mães aos três meses de idade. Os resultados dos testes de autorreconhecimento no espelho indicaram que as crianças que se reconheceram (grande maioria alemãs) haviam tido significativamente mais experiências com o sistema de cuidado “estimulação por objeto” (estilo parental distal) que as crianças que não se reconheceram (Nso). Estas haviam tido mais

² Autorregulação refere-se ao desenvolvimento da habilidade em seguir os costumes e normas prescritas pelos pais e comunidade.

experiência com sistema de cuidado parental “contato corporal” (estilo parental proximal). O estilo parental distal predomina em modelos culturais independentes, enquanto o estilo parental proximal predomina em culturas que priorizam práticas parentais interdependentes. Outros estudos conduzidos por diferentes autores apresentam resultados similares: práticas parentais relacionadas a modelos de independência (respostas contingentes maternas durante as trocas face-a-face e estimulação por objeto) podem acelerar o desenvolvimento do autorreconhecimento (Bornstein, Haynes, Pascual, Painter & Galperin, 1999). Por outro lado, práticas parentais comuns a modelos de interdependência, como contato corporal e estimulação corporal, aceleram o desenvolvimento da autorregulação (Keller, 2003). As práticas parentais associadas ao modelo autônomo-relacionado enfatizam tanto práticas parentais distais quanto proximais, mas com diferenças relevantes entre o sistema parental e mecanismo interacional priorizados em cada grupo. Por exemplo, estimulação por objetos e contato corporal ocorrendo conjuntamente (de Albuquerque, 2009; Keller, Kärtner, Borke & cols., 2005).

Relações entre os diferentes protótipos culturais e estilo parental foram investigadas por diversos autores (p.e., Keller, Borke, Staufenbiel, Yovsi, Abels & cols., 2009; Keller, Borke, Yovsi, Lohaus & Jensen, 2005; Keller, Kuensemüller, Abels, Voelker, Yovsi & cols., 2005; Keller, Lamm, Abels, Yovsi, Borke & cols., 2006).

Keller e colaboradores (2009) analisaram a variação dos sistemas parentais contato corporal, estimulação corporal, trocas face-a-face e estimulação por objetos, bem como a variação dos estilos parentais proximal (contato e estimulação corporal) e distal (trocas face-a-face e estimulação por objeto) em diferentes perfis sociodemográficos. O modelo cultural de independência era representado por famílias urbanas com alto nível educacional e pertencentes à classe média de sociedades ocidentais (mães euro-americanas, gregas e alemãs). O modelo cultural de interdependência era representado por famílias de agricultores rurais, com baixa escolarização (mães africanas da etnia Nso e mães indianas

³ Autorreconhecimento é a consciência de que o *self* é uma entidade física separada e uma fonte de ações, palavras, idéias,

da aldeia Gujarati). O modelo autônomo-relacionado era representado por famílias urbanas educadas, pertencentes a sociedades tradicionalmente orientadas para a relacionalidade (mães urbanas costeirinhas, chinesas, indianas e Nso). Os resultados indicaram que o perfil sociodemográfico definiu, substancialmente, os estilos parentais. Mães de contextos com orientação independente (N=80) apresentaram significativamente mais estimulação por objeto e contato face-a-face, e menos contato e estimulação corporal quando comparadas às outras mães, evidenciando um estilo parental com mais práticas distais que proximais. As mães de contextos de interdependência (N=39) apresentaram um padrão oposto: mais contato e estimulação corporal e menos estimulação por objeto e contato face-a-face, documentando estilos parentais mais proximais que distais. Já, as mães de contextos autônomo-relacionados (N=95) ocuparam posição intermediária entre as outras, com menos contato corporal e mais estimulação por objeto e trocas face-a-face que as mães de perfil interdependente, evidenciando estilos parentais com mais práticas proximais que distais. Com relação à significância dos sistemas na delimitação dos perfis culturais, o contato corporal e estimulação por objeto permitiram diferenciar os três modelos; a estimulação corporal permitiu diferenciar entre os modelos de independência e interdependência; e o sistema face-a-face permitiu a diferenciação entre os modelos de interdependência e autônomo-relacionado. Esses resultados fortalecem as hipóteses sobre as principais características dos estilos parentais observados nos três perfis culturais básicos propostos na literatura (independência, interdependência e autônomo-relacionado), como resultantes da adaptação dos indivíduos aos diferentes contextos ecológicos e sociodemográficos aos quais são expostos.

Resultados similares foram obtidos por Keller, Borke e colaboradores (2005), investigando as estratégias parentais utilizadas na educação de suas crianças por 129 famílias de três comunidades (Nso [Camarões, África], Costa Rica [América Latina] e Alemanha [Europa]). As díades foram observadas em contextos de brincadeira livre. Os resultados revelaram que a amostra alemã apresentou um estilo

parental distal, com maior frequência de trocas face-a-face e de estimulação por objeto, e menor frequência de contato corporal, aspectos característicos de metas de socialização priorizadas em modelos culturais de independência. As mães de etnia Nso apresentaram um estilo parental proximal, com mais contato e estimulação corporal, sistemas relacionados a metas de socialização de modelos culturais interdependentes. Já as mães de Costa Rica apresentaram um estilo parental proximal, porém com menos contato e estimulação corporal que as mães Nso, o que pode ser interpretado como uma mudança no estilo parental sugestiva de um modelo autônomo-relacionado.

Estratégias parentais, analisadas a partir dos conceitos de parentalidade, também focalizaram diversos ambientes ecoculturais. Keller e colaboradores (2006) investigaram esses conceitos em 204 mães de bebês de três anos de idade (Alemanha, Grécia, Estados Unidos, África, México, Costa Rica, China e Índia). Foram documentadas diferenças significativas em relação aos conceitos de parentalidade em contextos com diferentes orientações culturais. Mães alemãs, americanas e gregas representavam o grupo que priorizava práticas de cuidado orientadas para o modelo independente. As características dessas mães eram alto nível de educação, idade em torno de 32 anos e poucos filhos em comparação às mães dos outros grupos. As mães africanas representavam o grupo que priorizava práticas de cuidado orientadas para o modelo interdependente. Tinham baixo nível de instrução, e, em sua maioria, apresentavam menor idade e mais filhos do que as mães dos outros grupos. As mães chinesas, costa-riquenhas e mexicanas representavam o grupo que priorizava práticas orientadas para o modelo autônomo-relacionado. Essas mães apresentavam um nível de instrução heterogêneo, porém claramente mais alto que as mães do modelo interdependente, eram mais jovens e tinham menos filhos que as mães do grupo independente.

Relações similares entre estilos de cuidado parental e viés cultural foram encontradas também no Brasil (Beltrão, 2010; Martins, Macarini, Vieira, Sachetti, Seidl de Moura & col., 2009; Moinhos, Lordelo & Seidl de Moura, 2007; Santos & Otta, 2007; Seidl de Moura, Ribas, & cols., 2008; Silva,

2008). Seidl de Moura e colaboradores (2008), por exemplo, analisaram a predominância e características dos sistemas parentais comparando díades mãe-bebê do Rio de Janeiro, com idades de um e cinco meses. Foram registrados, para os dois grupos, os sistemas cuidados primários, face-a-face, estimulação por objeto, contato corporal e estimulação corporal. Os resultados indicaram que interações face-a-face predominavam no grupo de bebês com um mês, e estimulação por objeto predominou no grupo de bebês com cinco meses, compondo um padrão cultural semelhante ao das comunidades urbanas ocidentais. Esses dois sistemas são predominantes em grupos nos quais autonomia/independência são metas principais dos cuidadores. Os resultados confirmaram aqueles obtidos por Seidl de Moura e colaboradores (2007) acerca das metas de socialização para trajetórias de desenvolvimento independentes por parte das mães do Rio de Janeiro.

Recentemente, um grupo de pesquisadores investigou as metas de socialização de 349 mães em sete cidades das cinco regiões geográficas brasileiras (Seidl de Moura & cols., 2010). Para todas as análises, os resultados indicaram diferenças entre os grupos de mães entrevistados, com valorização das três principais tendências de socialização: metas de autonomia e independência foram mais frequentes no Rio de Janeiro e João Pessoa; metas para interdependência e sociocentrismo, em Florianópolis e Campo Grande; e metas indicando autonomia relacional foram mais frequentes em Belém e Salvador. O predomínio das metas de autonomia relacional no município de Belém foi confirmado em um estudo posterior (Beltrão, 2010; Silva, 2008), tanto em mães urbanas quanto não-urbanas.

Estudos brasileiros sobre a natureza das primeiras interações cuidador-bebê são ainda incipientes, e em poucos, os aspectos da prática parental foram observados diretamente. Para compreender o desenvolvimento infantil sob uma perspectiva mais ampla, seria preciso obter, além de dados acerca das metas de socialização dos pais, dados sobre os diferentes estilos de cuidado parental (combinações de sistemas parentais e mecanismos interacionais). Beltrão (2010), por exemplo, investigando convergências e divergências relativas às etnoteorias, metas de socialização e práticas de cuidados

parentais em mães urbanas e não urbanas, mostrou que as idéias das mães a respeito da importância de determinadas ações nem sempre refletem suas práticas.

Nessa perspectiva, entrevistas e questionários forneceriam o primeiro conjunto de informações; observações diretas das interações mãe-bebê forneceriam o segundo. Com relação a Belém, como estudos anteriores (Beltrão, 2010; Seidl de Moura & cols., 2007; Silva, 2008) forneceram o primeiro conjunto de dados, indicando um perfil autônomo-relacionado para as metas de socialização das mães, esse estudo pretende fornecer o segundo, identificando os padrões de cuidado parental observados em mães urbanas provenientes de dois contextos socioeconômicos de Belém.

A importância de analisar os padrões de cuidado parental de mães em dois contextos socioeconômicos diferentes foi apontada no estudo de Vieira e colaboradores (2010), no qual os resultados indicaram que variáveis socioeconômicas podem influenciar as práticas maternas. As categorias utilizadas no estudo foram adequação social, estimulação e responsividade. A adequação social estava relacionada ao bem estar físico ou cuidados primários e a práticas que encorajavam boas maneiras em público. A estimulação envolvia práticas que expunham a criança a situações de brincadeira variadas (em grupo, sozinha, com crianças do sexo oposto, de outras classes sociais e culturas, com diferentes brinquedos etc), ou que enfatizavam a estimulação cognitiva (falar, ler histórias, mostrar objetos). A responsividade considerava as respostas aos sinais positivos ou negativos do bebê. Os dados indicaram correlação positiva entre o nível de instrução da mãe e as dimensões estimulação e responsividade. O inverso foi observado para dimensão adequação social, correlacionada negativamente com o nível de instrução da mãe.

Diferentes práticas parentais associadas ao nível socioeconômico e educacional também foram encontradas em estudos envolvendo o comportamento verbal das mães. Hoff-Ginsberg (1991) analisou a influência da classe social na interação verbal de 63 mães (30 da classe trabalhadora e 33 da classe média alta) com seus bebês (18-24 meses de idade). Foram consideradas categorias como velocidade

do discurso da mãe, número total de palavras, contingência, estilo diretivo e estilo elaborativo. Os resultados sugerem diferenças no discurso materno de uma classe para outra: mães de classe média alta são mais contingentes e usam menos o estilo diretivo com seus bebês que as mães da classe trabalhadora. Estas tentam dirigir os comportamentos destes de forma imperativa, enquanto as de classe média utilizam mais perguntas, incentivando a fala da criança.

Considerando que práticas de cuidado parental são adaptativas, pois se configuram de acordo as fontes ecológicas e sociais disponíveis para os pais, o presente estudo teve como objetivo caracterizar e comparar o cuidado parental e o estilo conversacional de mães urbanas pertencentes às classes socioeconômicas baixa e média da cidade de Belém. Para isto foram realizadas observações diretas das trocas interativas de díades mãe-bebê com idades entre três e seis meses em situação de cuidado primário (banho e troca). O cuidado parental envolveu o registro de quatro sistemas parentais (contato corporal, estimulação corporal, estimulação por objeto e trocas face-a-face) e de dois mecanismos de interação (contingência e calor emocional). A análise do comportamento verbal materno durante as interações considerou os estilos diretivo e elaborativo.

MÉTODO

Aspectos éticos

O presente estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará – CEP-CCS/UFPA (154/10) (ANEXO I). Após essa etapa, as mães foram informadas sobre os objetivos gerais do estudo e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Participantes

Inicialmente, foram contatadas 60 mães residentes na cidade de Belém (PA), sendo 30 de classe econômica baixa (CEB) e 30 de classe econômica média (CEM) cujos bebês tinham entre dois e 12 meses de idade. As mães de CEB foram recrutadas por meio da assistência social dos hospitais universitários e da rede pública e as de CEM, recrutadas a partir de indicações pessoais (técnica de *snowball*) e em planos particulares de saúde.

Para os propósitos desse estudo, foram selecionadas apenas mães de bebês com idades entre três e seis meses, totalizando 20 díades classificadas segundo o *Critério de Classificação Econômica*, da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisas (ABEP, 2010). Esse instrumento utiliza um sistema de pontuação para educação, renda, posses e condições de moradia que permite avaliar o poder de compra das pessoas de uma determinada área. Em relação ao nível de instrução, a pontuação segue a regra: analfabeto até a 3ª série do fundamental, 0 pontos; até a 4ª série do fundamental, um ponto; fundamental completo é médio incompleto, dois pontos; médio completo, quatro pontos, superior completo, oito pontos.

O grupo CEB era formado por nove díades pertencentes à classe econômica E, caracterizada por baixo poder aquisitivo e baixa educação formal. O grupo CEM era formado por 11 díades classificadas

como pertencentes às classes C2, C1, B2 e B1. Esse grupo caracterizou-se por maior poder aquisitivo e maior nível de educação formal.

Ambiente, instrumentos e forma de coleta dos dados

As sessões de observação eram realizadas nas residências das participantes e as visitas foram agendadas com as mães de acordo com o melhor dia para as mesmas. Na primeira visita as mães responderam às questões da *anamnese* e em seguida, a primeira sessão de filmagem do banho e troca era iniciada.

Material e equipamentos

Foram utilizadas duas filmadoras *handcam* Sony (DCR-HC21 e DCR-SR45), um notebook HP G42-250BR, e o aplicativo Transana 2.41, para transcrição e análise dos vídeos.

Procedimentos

As observações eram realizadas em uma situação em que apenas a mãe e o bebê estavam presentes. Solicitou-se à mãe manter sua rotina diária e ignorar a presença do observador, na medida do possível. As interações das díades durante as sessões de banho e troca foram registradas integralmente, por meio de áudio e vídeo, sempre com a câmera em uma posição que permitisse a visualização da mãe e do bebê. Cada díade foi filmada duas vezes, em dois dias diferentes, mas apenas a segunda sessão foi considerada para análise dos dados.

Procedimentos de análise dos dados

Inicialmente, os vídeos foram explorados com aplicativo Transana 2.41 para o cadastro de categorias de observação, definidas *a priori*. Para todas as análises, foram considerados os primeiros cinco minutos de filmagem (2,5 de banho e 2,5 de troca) de cada díade.

Para registro da frequência de ocorrência dos sistemas parentais, os cinco minutos de vídeo referentes a cada díade foram divididos em intervalos de cinco segundos (totalizando 60 intervalos, 30 para banho e 30 para troca). Foram considerados os sistemas contato corporal, estimulação corporal, estimulação por objeto e face-a-face e interação verbal.

O registro dos mecanismos de interação, bem como o conteúdo discursivo do envelope narrativo (interações verbais), foi realizado por registro de evento. Para os mecanismos de interação (contingência e calor emocional) era registrada a natureza das respostas maternas aos sinais positivos (sorrir, olhar para a mãe e vocalizar) ou negativos (vocalizar com estresse e chorar) do bebê. Para serem contingentes, as respostas maternas deveriam ocorrer com uma latência máxima de 5 segundos após o início do sinal comunicativo do bebê. O modo de atenção não foi analisado, visto que as sessões de banho e de troca já exigem a atenção com foco exclusivo na criança.

Para a análise do conteúdo discursivo do envelope narrativo, foram consideradas as emissões verbais maternas linguisticamente claras e com algum significado, independentemente da extensão ou de algum sinal de compreensão do bebê. Assim, a emissão de apenas uma palavra dirigida à criança poderia ser considerada, como por exemplo, “Linda!”. Para as duas classes econômicas as emissões verbais foram transcritas integralmente.

Categorias codificadas

Para fins de comparação, todas as categorias e sub-categorias foram definidas a partir de autores da área, conforme indicado após cada categoria.

Sistemas Parentais (cf. Keller, 2007; Seidl de Moura, Ribas e colaboradores, 2008).

Contato corporal (CC)

Inclui posições da díade em que o contato entre o corpo do bebê e da mãe são predominantes. Por exemplo, a mãe carrega o bebê nos braços, quadril ou parte de trás, a mãe coloca o bebê sentado em suas pernas ou barriga, o bebê fica deitado sobre o corpo da mãe ou na cama com o corpo colado no da mãe.

Estimulação corporal (EC)

Trata-se de qualquer estimulação motora, cinestésica, tátil e/ou de equilíbrio do bebê. Trata-se de uma categoria geral, sem especificação de partes do corpo do bebê.

Estimulação por objetos (EO)

Identificada quando a mãe introduz um objeto ou brinquedo na interação com o bebê e a mesma passa a ser mediada pelo objeto. Por exemplo, quando a mãe balança um objeto na frente do bebê e ele o observa.

Face-a-face (FF)

Quando a mãe posiciona o bebê de forma a facilitar as trocas face-a-face por um período não inferior a cinco segundos. Suas faces estão próximas e eles mantêm o contato pelo olhar.

Interação verbal (IV)

Identificado quando a mãe direcionava alguma emissão verbal clara e compreensível ao bebê.

Mecanismos de interação (cf. Keller, 2007).

Contingência

Considerou-se resposta da mãe emitida dentro de um intervalo de até cinco segundos após um sinal comunicativo positivo (olhar para a mãe, vocalizar/balbuciar, sorrir), ou negativo (vocalizar com estresse, gritar, chorar) do bebê.

Calor emocional

Para essa categoria considerou-se a ocorrência de respostas contingentes e afetuosas da mãe aos sinais comunicativos (positivos e negativos) do bebê, como beijar, tocar/acariciar sorrir ou falar utilizando *baby-talk*.

Envelope narrativo (Hoff-Ginsberg, 1991; Tulviste, 2004).

Primeiramente, esse sistema foi computado para os sistemas parentais de acordo com sua ocorrência ou não em cada intervalo (frequência). Posteriormente, o comportamento verbal da mãe foi transcrito para fins de classificação do estilo conversacional conforme as categorias diretivo e elaborativo.

Para a análise do estilo conversacional foram identificados os episódios verbais, ou instâncias comunicativas, dirigidos ao bebê. Um episódio verbal iniciava quando a mãe começava a falar com o bebê e terminava quando ela não direcionava mais o comportamento verbal ao bebê. Assim, um episódio poderia durar dois ou mais intervalos. Cada episódio verbal foi classificado como tendo conteúdo diretivo ou elaborativo.

Estilo diretivo (IV-DIR)

Caracteriza-se por comandos e instruções, valorização do contexto social, moral, e consequências do comportamento.

Estilo elaborativo (IV-ELA)

Caracteriza-se por frequentes perguntas, narração rica e detalhada, foco em atribuições, preferências e julgamentos individuais, e especialmente, pelo fato de a mãe ser responsiva à participação de sua criança e tratá-la como um parceiro de diálogo com compreensão similar (Wang, 2006).

RESULTADOS

Fidedignidade

Para estabelecer o índice de fidedignidade das categorias, dois juízes independentes e treinados previamente analisaram 20% das sessões escolhidas aleatoriamente. O índice foi calculado dividindo-se as concordâncias (C) pelo total (T) (concordâncias mais discordâncias) referente a cada categoria e multiplicando-se por 100 ($C/T \times 100$). Todas as categorias apresentaram índices de concordância acima de 80%.

Perfil sociodemográfico das díades

Como a amostra era pequena e assimétrica, todas as análises foram realizadas com testes não-paramétricos. As diferenças entre classes, referentes às variáveis sociodemográficas, sistemas parentais, mecanismo e estilos foram verificadas com os testes de Mann-Whitney e Wilcoxon para medidas repetidas (sistemas parentais intra e entre-classes). As correlações foram verificadas com o teste de Spearman.

A Tabela 1 resume o perfil sociodemográfico das díades. Não houve diferenças significativas quanto ao sexo e idade dos bebês ou número de filhos por família. No entanto, os dois grupos de mães apresentaram características bastante diferenciadas em vários aspectos, o que permitiu delimitar dois contextos sociodemográficos claramente distintos. O nível de escolaridade das mães das duas amostras estudadas apresentou diferenças significativas ($U = 5,0$; $z = -3,6$; $p < 0,001$), com o grupo CEB apresentando menor escolaridade (Md = 2, ensino fundamental completo) que o grupo CEM (Md = 8, ensino superior completo).

Também foram observadas diferenças significativas quanto à renda familiar ($U = 1,5$; $z = -3,6$; $p < 0,001$). O poder aquisitivo do grupo CEB (Md = R\$ 240,00) era muito mais baixo do que o

constatado para o grupo CEM (R\$ 1650,00). Quanto à realização de trabalho remunerado, observou-se uma diferença marcante entre os contextos estudados: a maioria (88,9%) das mães do grupo CEB não exercia atividade remunerada, enquanto mais da metade (54,5%) informou exercer alguma atividade remunerada. Tais dados não significam que as mães da CEB não trabalhem, pois realizavam as atividades domésticas.

Tabela 1. Descrição das variáveis sociodemográficas para os dois grupos e probabilidade associada às diferenças significativas encontradas entre as classes.

Variáveis sociodemográficas	CEB (N=9)	CEM (N=11)	Significância
Renda média familiar (DP) ^a	295,56 (195,13)	2005,00 (110,67)*	$p < 0,001$
Escolaridade materna (moda)	2,0	8,0	$p < 0,001$
- Ensino fundamental incompleto/completo (%)	77,8%	27,2%	-----
- Ensino médio incompleto/completo (%)	22,2%	9,2%	-----
- Ensino superior incompleto/completo (%)	0%	63,6%	----
Idade média materna (DP) ^b	24,6 (4,98)	30,7 (5,69)	$p < 0,025$
Idade média dos bebês (DP) ^c	4,3 (1,32)	5,09 (0,83)	Ns
Número médio de filhos (DP)	2,2	1,9	Ns
Sexo dos bebês	-----	-----	Ns

* : n=10 para esse grupo nessa variável; *a* = valor em R\$; *b* = valor em anos; *c* = meses.

Outro aspecto que permitiu diferenciar os grupos refere-se à idade das mães ($U = 20,5$; $z = -2,2$; $p < 0,001$). As mães da CEB eram mais novas ($Md = 23$ anos) do que as da CEM ($Md = 30,7$ anos).

Os grupos de mães também contrastavam com relação ao tipo de família e condições de moradia. A maioria das mães CEB (66,7%) vivia em famílias estendidas (até 13 pessoas) e na periferia de Belém, em casas de cinco cômodos, em média. A maioria das mães CEM (73%) compunha famílias

nucleares (até 6 pessoas), vivia em bairros centrais de Belém em casas também, seis cômodos em média.

As diferenças observadas nas características das duas amostras indicam a existência de dois diferentes contextos sociais urbanos: um formado por mães com menor idade, de baixa renda e nível de escolaridade, e outro, formado por mães mais velhas, com maior poder aquisitivo e escolaridade.

Avaliando os sistemas parentais e estilos parentais

Todas as díades apresentaram pelo menos um sistema parental, mas nem todas as díades apresentaram todos os sistemas parentais, sendo que apenas as mães de CEM apresentaram todos os sistemas.

Inicialmente foram verificadas as correlações entre fatores sociodemográficos e os sistemas parentais para cada classe socioeconômica. Para a CEB, a escolaridade materna estava positiva e moderadamente correlacionada com os sistemas estimulação por objeto ($\rho = 0,678$; $p = 0,05$) e estimulação corporal ($\rho = 0,693$; $p = 0,05$). Estimulação por objeto também apresentou forte correlação com interação verbal elaborativa ($\rho = 0,718$; $p = 0,01$). Nenhuma correlação significativa entre fatores sociodemográficos e sistemas parentais, ou entre estes, foi encontrada para CEM.

Considerando os dois grupos, foram encontradas correlações moderadas e significativas entre renda familiar e escolaridade ($\rho = 0,750$; $p = 0,01$), e renda familiar e frequência de interações verbais ($\rho = 0,702$; $p = 0,01$). Esta correlacionava-se tanto com a escolaridade materna ($\rho = 0,708$; $p = 0,01$) quanto com o sistema interação por objetos ($\rho = 0,515$; $p = 0,05$). Este, por sua vez, correlacionava-se com as interações verbais elaborativas, mas não com as diretivas. Esses dados fortalecem hipóteses sobre a relação entre o nível de escolaridade e a valorização de práticas parentais distais.

A Figura 1 indica o percentual de ocorrência dos sistemas parentais em intervalos para as duas amostras. Foram analisados, respectivamente, 540 e 660 intervalos de 5 segundos para CEB e para CEM.

Dois sistemas diferenciaram significativamente entre os grupos de mães: contato corporal e interação verbal. O contato corporal ($U = 19,5; z = - 2,3; p = 0,02$) era mais frequente na CEB ($Md = 19; M = 19,9; DP = 8,8$), do que na CEM ($Md = 3,0; M = 9,18; DP = 9,5$). Por outro lado, o sistema interação verbal ($U = 6,0; z = - 3,3; p < 0,01$) era mais frequente entre as mães de CEM ($Md = 16,0; M = 19,7; DP = 14,2$) do que entre as de CEB ($Md = 3,0; M = 2,67; DP = 2,7$). Os sistemas estimulação por objeto ($M = 13; DP = 16,8$) e estimulação corporal ($M = 2,55; DP = 6,5$) foram observados com maior frequência entre as mães do grupo CEM do que entre as mães CEB. Entre essas mães, estimulação corporal ($M = 0,11; DP = 0,33$) e estimulação por objeto ($M = 3,44; DP = 7,2$) apareceram com frequências extremamente baixas. O sistema face-a-face foi registrado em dois momentos apenas para uma díade (CEM).

As mães dos dois grupos podiam diferir quanto à funcionalidade imediata dos sistemas. Por exemplo, as da CEB, quando disponibilizavam brinquedos/objetos, na maioria das vezes, era para diminuir a estimulação aversiva produzida pelos bebês com relação a elas, como movimentação, inquietação ou até, vocalizações ‘barulhentas’. A introdução do objeto podia interromper esses comportamentos. Nessa situação, as mães não tentavam compartilhar, ou coordenar a atenção do bebê durante a manipulação do objeto. Já, as mães do grupo CEM, introduziam objetos com o propósito principal de coordenar a atenção do bebê sobre o objeto e compartilhar as ações com ele. Nessa situação, os objetos tornavam-se mediadores da interação. Funcionalmente, o primeiro grupo podia utilizar esse sistema como esquiva, e o segundo grupo, como reforçamento positivo para ela e para o bebê. Essa hipótese encontra apoio no fato de as mães CEM disponibilizarem objetos/brinquedos a seus bebês tanto durante o banho, quanto durante a troca. Mesmo quando objetos não estavam ao alcance

físico do bebê, a mãe podia recorrer a objetos, ou mesmo pessoas, que estavam próximos a banheira e que ela acreditava estar no campo visual da criança.

Em sua maioria, as mães do grupo CEB não colocavam brinquedos/objetos à disposição da criança e seu foco principal era a realização do banho e troca. Essa parece ser uma diferença importante entre os contextos e reforça a idéia de restrições impostas por fatores sociais e econômicos sobre práticas do cuidador. Famílias de baixa renda, geralmente, não têm meios financeiros para comprar brinquedos, mesmo reconhecendo a importância destes para o desenvolvimento. Adicionalmente, essas mães podem, de fato, não valorizar as interações com objetos como relevantes. Rabinovich (2002) sugere que objetos/brinquedos em contextos coletivistas (sociocêntricos) tendem a ser ‘divinizados e não banalizados’ (p. 189), como no caso de sociedades ocidentais. Normalmente são valorizados como objetos de troca e ficam expostos, muitas vezes com a embalagem original, na estante da sala, como observado nas residências de ribeirinhos marajoaras (Garotti, 2010, comunicação pessoal).

Além das diferenças em estimulação por objetos, as mães da CEB e CEM diferenciavam-se bastante em contato corporal. As primeiras tendiam a manter a criança em contato corporal com elas frequentemente, inclusive durante tarefas que seriam mais facilmente executadas de outra forma. Por exemplo, boa parte dessas mães mantinha a criança no colo durante toda a troca, mesmo havendo local apropriado para deitar o bebê.

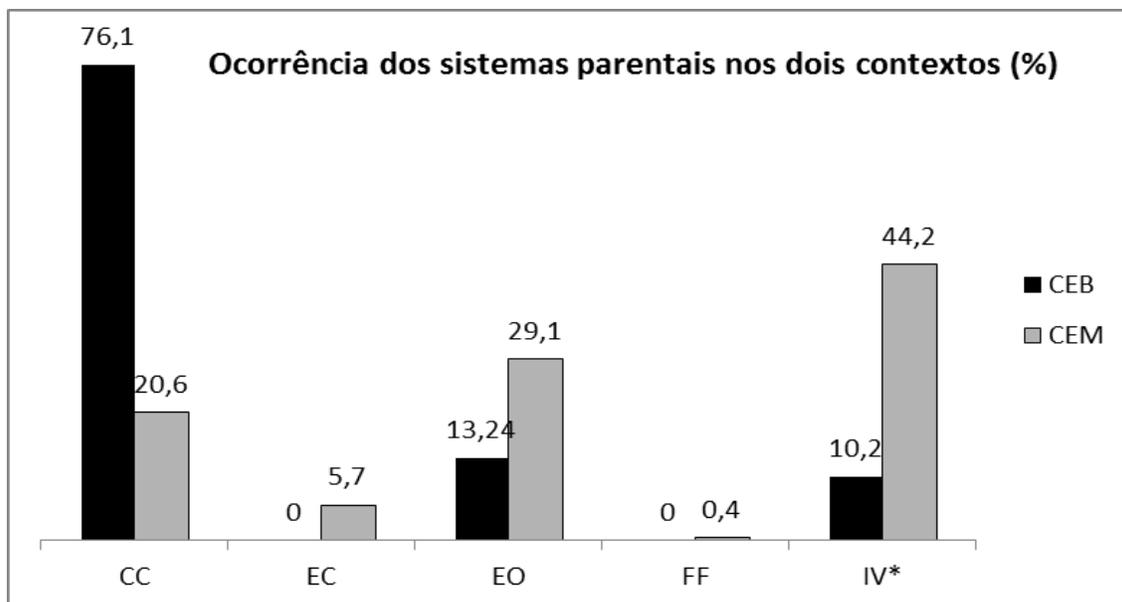


Figura 1. Percentagem de ocorrência dos sistemas parentais contato corporal (CC), estimulação corporal (EC), estimulação por objeto (EO), trocas face-a-face (FF) e interação verbal (IV) nos intervalos analisados. Os asteriscos (*) indicam diferenças significativas entre os grupos de mães.

Para decisões acerca dos estilos parentais priorizados pelas mães, foram consideradas as frequências observadas nos sistemas contato e estimulação corporal (estilo parental proximal) e as frequências de estimulação por objeto, interação verbal e trocas face-a-face (estilo parental distal). A Figura 2 mostra os estilos do cuidado materno para as mães dos dois contextos socioeconômicos. Houve diferença significativa entre os grupos com relação ao estilo distal ($U = 10$; $z = -3$; $p = 0,002$), mas não com relação ao estilo proximal. Em suas interações, as mães de CEM documentaram maior frequência de práticas distais (73,7%) do que proximais (26,3%), enquanto as mães de CEB apresentaram um padrão oposto: maior ocorrência de práticas proximais (76,5%) e menor de distais (23,5%).

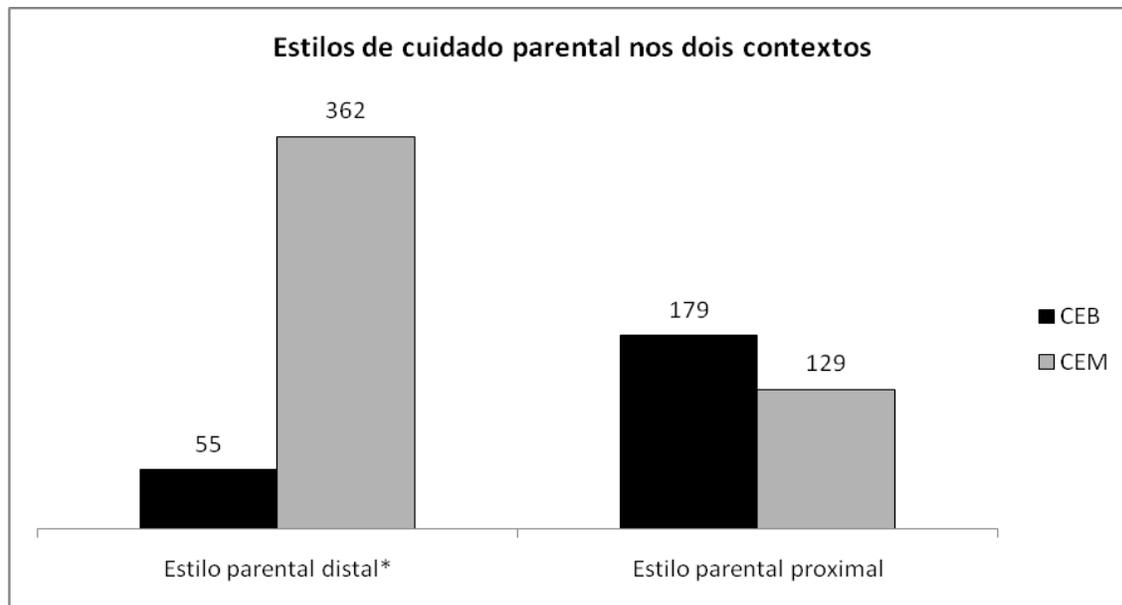


Figura 2. Frequência dos estilos parentais nos dois contextos. O asterísco (*) indica significância estatística.

Com relação ao estilo da prática parental, os resultados indicam que os dois grupos de mães apresentam estilos distintos, em parte porque os contextos socioeconômicos também diferem. As mães do grupo CEB são significativamente mais novas, com menor renda familiar e nível educacional do que as mães do grupo CEM. O estilo do cuidado parental evidenciado por elas também difere de forma relevante, com significativamente maior ocorrência de práticas proximais do que distais. Priorizavam quase que exclusivamente, o contato corporal, e em muito menor grau, a estimulação por objeto (estilo distal). Considerando a diferença em frequência e também, a funcionalidade do sistema estimulação por objetos, pode-se concluir pelo estilo proximal para sua prática de cuidado. O perfil cultural dessas mães parece adequar-se, principalmente, às características descritas para modelos interdependentes.

As mães do grupo CEM tem um perfil sociodemográfico significativamente diferente, renda familiar e nível de educação formal mais elevados, além de terem seu primeiro filho com mais idade. As práticas parentais do grupo CEM indicam um padrão oposto: maior prioridade para práticas distais do que para práticas proximais. Documentaram, prioritariamente, estimulação por objetos e em menor grau, contato corporal e estimulação corporal. No entanto, não apresentaram diferenças significativas

com relação às práticas proximais quando comparadas com as mães de CEB. Essas características permitem sugerir um perfil autônomo-relacionado para essas mães. A frequência da fala dirigida à criança durante as interações, considerada aqui como um sistema distal, mostrou diferenças marcantes. As mães de CEM interagem verbalmente com seus bebês significativamente mais do que as mães do outro grupo.

Avaliando os mecanismos de interação

A Figura 3 mostra o percentual de sinais emitidos pelo bebê que receberam ou não respostas maternas. As mães respondem intermitentemente aos bebês e as mães da CEM eram mais contingentes aos sinais dos seus bebês do que as mães da CEB. Dos sinais positivos emitidos pelos bebês do grupo CEB, 88% recebeu respostas contingentes, e 48% destes receberam respostas maternas com calor emocional. Uma quantidade menor de sinais positivos dos bebês da CEM recebeu respostas contingentes (80,3%), mas destas, apenas 31,6% eram com calor emocional. Por outro lado, apenas 12% dos sinais negativos dos bebês da CEB receberam respostas contingentes de suas mães, sendo que apenas 4% delas caracterizava calor emocional. As mães da CEM, em contrapartida, foram mais contingentes (19,7%) e mais calorosas (7,9%) aos sinais negativos de seus bebês quando comparadas as mães do outro grupo.

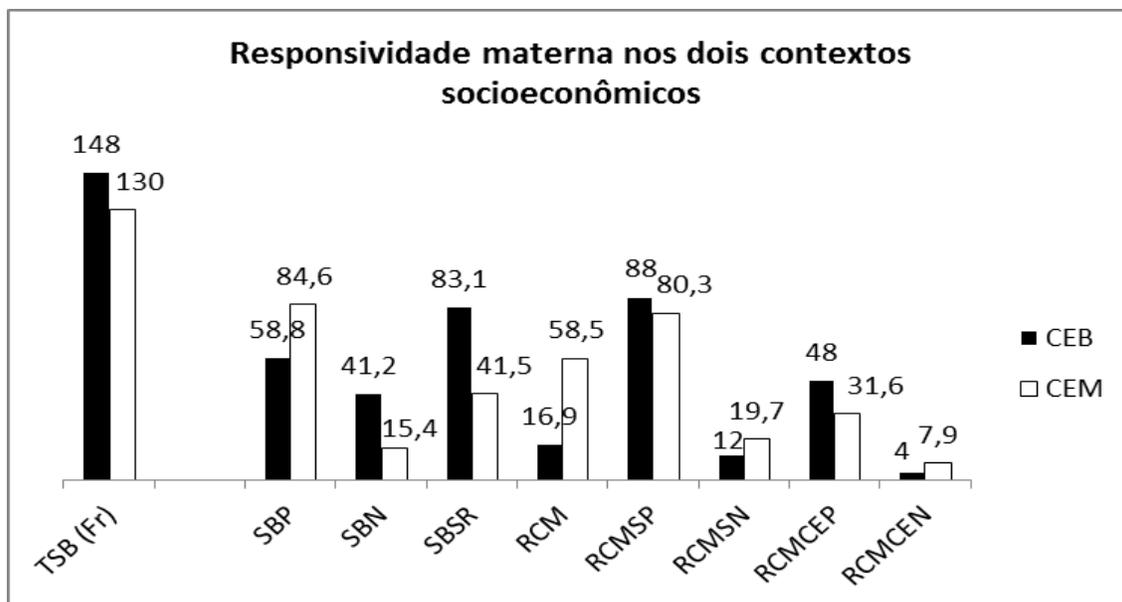


Figura 3. Frequência de sinais dos bebês (TSB) e percentual de ocorrência das categorias de responsividade materna (respostas contingentes [RCM], respostas contingentes aos sinais positivos [RCMSP], negativos [RCMSN], respostas contingentes e com calor emocional para sinais positivos [RCMCEP] e negativos [RCMCEN]), e de categorias dos sinais emitidos pelos bebês (sinais positivos [SBP], sinais negativos [SBN] e sinais que não receberam respostas contingentes das mães [SSR]) para as díades dos dois contextos socioeconômicos.

Observou-se que, durante as sessões filmadas, os bebês da CEM emitiam poucos sinais negativos, e quando o faziam, as mães mostravam-se mais preocupadas em diminuir sua ocorrência do que as mães do CEB, cujos filhos, em alguns casos, quando emitiam sinais negativos não recebiam respostas da mãe. Pode-se citar como exemplo, uma díade em que o bebê chorou durante toda a sessão de banho e a mãe não emitiu nenhuma resposta ao sinal do bebê.

Quanto à latência das respostas das mães nos dois contextos, a maioria das respostas maternas aos sinais dos bebês era emitida entre um e três segundos. As latências mais frequentes para as mães da CEM estavam entre um e dois segundos, enquanto as das mães de CEB estavam entre dois e três segundos (ver Figura 4).

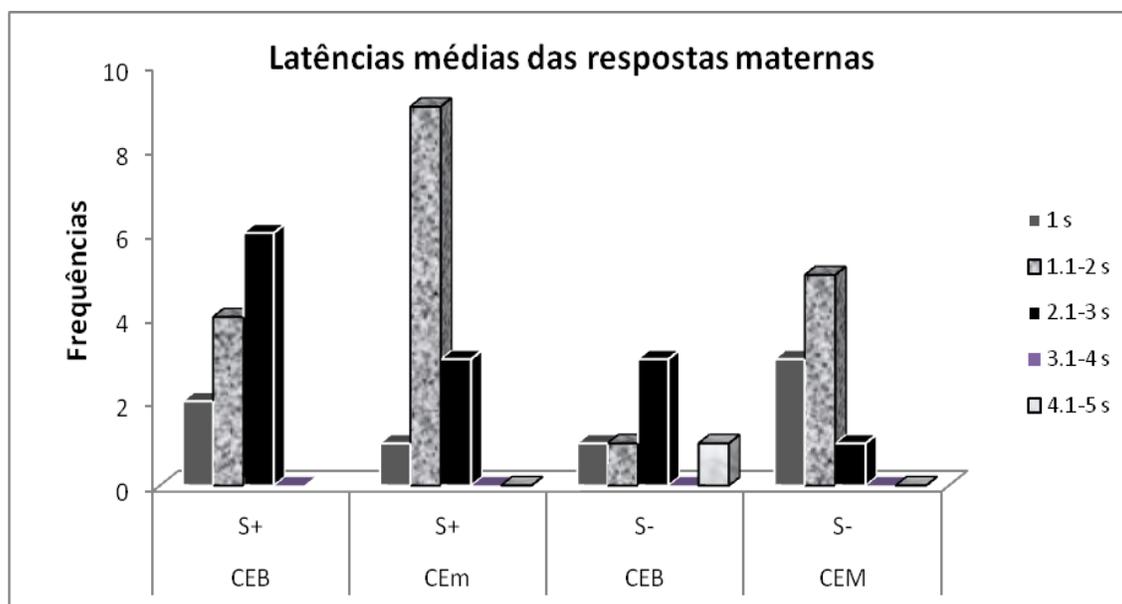


Figura 4. Frequência média de latência das respostas das mães aos sinais do bebê.

Avaliando o estilo conversacional

A Figura 5 indica o percentual de episódios verbais categorizados como diretivos ou elaborativos. Inicialmente foram registrados 24 e 217 intervalos em que as mães de CEB e CEM, respectivamente, falaram com seus bebês. Para a análise do estilo conversacional foram identificados 24 e 139 episódios verbais para CEB e CEM, respectivamente. O número de emissões e episódios verbais permaneceu o mesmo para o grupo CEB porque os episódios não ultrapassaram os 5 segundos de cada intervalo. Para as mães de CEM, um episódio podia durar vários intervalos consecutivos.

Foram observadas diferenças significativas entre os grupos referentes aos estilos conversacionais diretivo ($U = 20,5$, $z = -2,2$; $p = 0,025$) e elaborativo ($U = 3,0$, $z = -2,2$; $p < 0,001$). As mães da CEM evidenciaram maior número de episódios verbais diretivos (Md = 6,0; M = 6,45; DP = 5,2) e elaborativos (Md = 6,0; M = 6,20; DP = 3,7) do que as mães da CEB (diretivos: Md = 3,0; M = 2,3; DP = 2,3; elaborativos: Md = 0; M = 0,33; DP = 0,50).

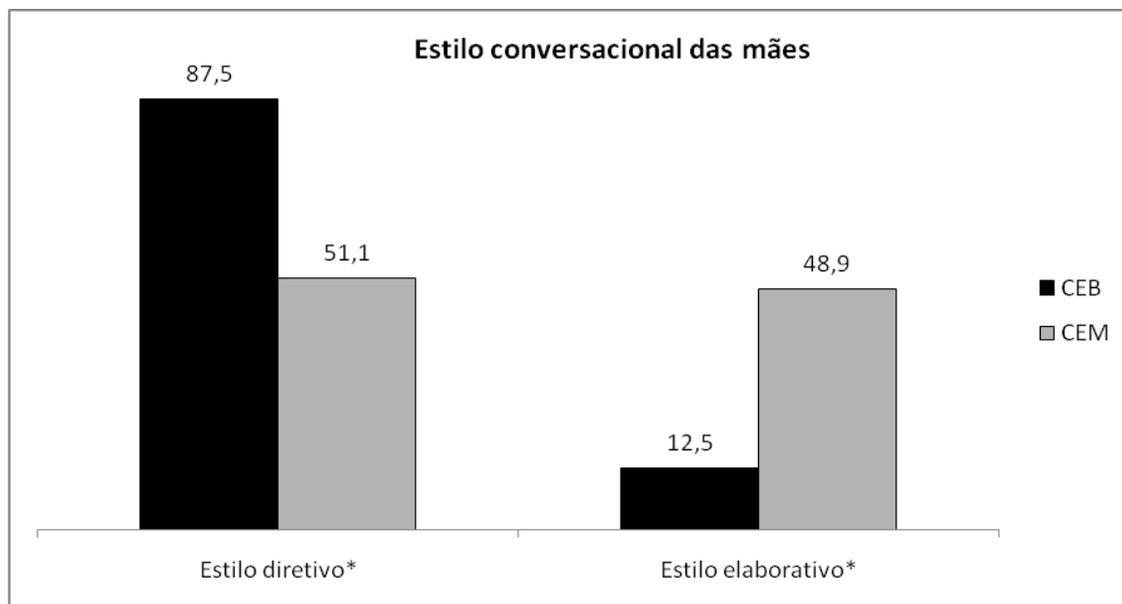


Figura 5. Percentual de episódios verbais caracterizados como diretivo ou elaborativo para os dois grupos de mães. O asterisco (*) indica significância estatística.

O teste de Wilcoxon, utilizado para verificar diferenças em cada grupo de mães, indicou diferenças significativas entre os estilos diretivos e elaborativos ($z = -2,1$; $p = 0,035$) para as mães da CEB, mas não para as mães da CEM. Como indicado na Figura 5, a maioria dos episódios verbais das mães da CEB (87,5%) era característica do estilo diretivo, enquanto os demais (12,5%) caracterizavam o estilo elaborativo. Já as emissões verbais das mães do grupo CEM eram igualmente características dos dois estilos (51,1 e 49,9% para diretivo e elaborativo, respectivamente).

Esses resultados complementam os anteriores na medida em que definem com mais especificidade o cuidado parental em cada contexto socioeconômico. Juntos, os dados indicam, para as mães da CEB, um estilo de cuidado parental e envelope narrativo característicos de famílias de baixa renda e escolaridade (Keller, 2007). Essas características sugerem metas de socialização para interdependência. Para as mães da CEM, tanto o estilo de cuidado parental, quanto o envelope narrativo, sugerem metas de socialização próprias do modelo cultural autônomo-relacionado. São descritas como frequentes em famílias educadas de sociedades tradicionalmente interdependentes (Kagitçibasi, 2005; Keller & cols., 2009).

DISCUSSÃO

O presente estudo foi realizado com duas amostras, uma formada por díades de classe baixa, CEB, e outra, por díades de classe média, CEM. As diferenças observadas nas características das duas amostras indicam a existência de dois diferentes contextos sociais urbanos: um formado por mães com menor idade, de baixa renda e nível de escolaridade, e outro, formado por mães mais velhas, com maior poder aquisitivo e escolaridade.

O sistema parental *contato corporal* é apontado como o mais comum em algumas sociedades não urbanas tradicionais, nas quais a mãe é geralmente a cuidadora principal durante os primeiros seis meses de vida da criança. Nesses contextos há necessidade de carregar a criança junto ao corpo, uma vez que a atenção materna precisa ser dividida entre os cuidados dispensados a criança e a execução de tarefas domésticas. Esse sistema é, portanto, característico de contextos que priorizam práticas parentais interdependentes (Abels & cols., 2005; Keller, 2007; Keller, Borke & cols., 2005; Keller, Yovsi, & cols., 2002). No presente estudo, esse sistema apresentou maior frequência na CEB do que na CEM (76,1% dos intervalos da CEB e em 20,6% dos intervalos da CEM). A grande quantidade de contato corporal documentada para o grupo CEB, teoricamente ligado à aceitação de normas e valores familiares (MacDonald, 1992), pode garantir e manter a interdependência psicológica do indivíduo, característica do modelo interdependente que é mantida no modelo autônomo-relacionado (cf. Kagitçibasi, 2005).

O sistema *estimulação corporal*, segundo a literatura, é um sistema característico de comunidades que valorizam metas para interdependência, sendo mais frequente nas culturas tradicionais e até mesmo em centros urbanos de países não ocidentais (Keller, Yovsi & cols., 2002, Abels & cols., 2005; Keller, Borke & cols., 2005). Esse sistema ocorreu com maior frequência entre o

grupo CEM (5,7% dos intervalos), fortalecendo os achados de Piovanotti (2007), cujos resultados indicaram relação positiva entre escolaridade materna e estimulação motora.

O sistema *estimulação por objeto* apresentou frequências distintas nos dois grupos, com maior ocorrência na CEM (29,1% dos intervalos). Esse dado era esperado, pois mães com maior nível de educação, que exercem atividade remunerada e com uma renda familiar relativamente alta valorizam a formação de um *self* autônomo, colocando a criança em contato com o mundo físico (Abels & cols., 2005; Piovanotti, 2007). Esse sistema é característico de sociedades ocidentais industrializadas e é considerado um promotor do desenvolvimento cognitivo, estando ligado ao processo de desengajamento do bebê das interações díadicas, pode levar a uma orientação para a autonomia. Esses resultados fortalecem aqueles obtidos por vários autores (Keller, Borke & cols., 2005; Keller, Yovsi & cols., 2002; Keller, 2007).

Observa-se, ainda, que a ocorrência do sistema EO se tornou mais frequente com o aumento da idade dos bebês. No grupo CEB, esse sistema ocorreu em duas díades em que os bebês tinham seis meses, e no CEM, ocorreu em uma díade cujo bebê tinha quatro meses, e apresentou maior frequência em seis díades, cujos bebês tinham entre cinco e seis meses de idade. Esses dados estão de acordo com Ribas e Seidl de Moura (1999), que afirmam que a interação mãe-bebê passa por modificações, as quais mostram que a díade tende a gradativamente incorporar o mundo externo em suas interações, por meio da inclusão de objetos.

O sistema *face-a-face*, como o sistema anterior, também é apontado como característica de contextos que valorizam a formação de um *self* autônomo e independente (Abels & cols., 2005; Keller, Borke, & cols., 2005; Keller & Lamm, 2005; Keller, Hentschel & cols., 2004). No entanto, no presente estudo, esse sistema quase não ocorreu, fato que pode estar relacionado à idade dos bebês e não apenas a características sociodemográficas das mães ou às etnoteorias parentais, visto que a literatura sugere que o sistema *face-a-face* é mais frequente em díades com bebês com um mês de idade e que a

proporção total de tempo que o bebê olha para mãe diminui com a idade (Seidl de Moura, Ribas, & cols., 2008). Soma-se a isso o fato de que os contextos de banho e de troca não favorecem a ocorrência do sistema *face-a-face* (Keller & cols., 2003).

O sistema *interação verbal* também apresentou diferença entre os dois grupos estudados, sendo mais frequente no CEM (44,2% dos intervalos) e apresentado por 100% dessas mães. Alguns estudos (Tulviste, 2004; Tulviste & Kants, 2001) indicam que mães de classe média diferem significativamente de mães de classes mais baixas, dada a grande quantidade de palavras direcionadas a criança durante as interações.

Os resultados, de forma geral, indicam que as mães da CEB apresentam práticas que valorizam a relacionalidade, sugerindo um perfil interdependente para essa amostra, enquanto que o grupo de mães da CEM apresentaram práticas que valorizam tanto a autonomia quanto relacionalidade, sugerindo um perfil autônomo-relacionado para essa amostra de mães urbanas. Esses resultados confirmam os obtidos por estudos anteriores realizados com diferentes grupos de mães da cidade de Belém (Beltrão, 2010; Macarini, 2009; Seidl de Moura & cols., 2007; Seidl de Moura, Lordelo & cols., 2008).

Quanto aos mecanismos de interação, observou-se que as mães do grupo CEM emitiam mais respostas contingentes aos sinais do bebê do que as do grupo CEB, provavelmente devido ao nível de informação sobre desenvolvimento infantil ao qual essas mães têm acesso (Ribas & Bornstein, 2005). Mães de ambos os grupos eram mais contingentes aos sinais positivos do que aos negativos do bebê, característica própria de sociedades que priorizam a independência e autonomia do sujeito (Keller & cols., 2003; Keller, Yovsi & cols., 2002). Além disso, evidenciaram mais calor emocional ao responder aos sinais positivos em comparação com os negativos. Responder com calor emocional aos sinais do bebê é descrito como mais frequente em sociedades que priorizam práticas parentais interdependentes,

pois promove o sentimento de relacionamento e aceitação de normas e valores de gerações mais antigas (MacDonald, 1992), e permite que a criança se sinta interconectada a mãe (Keller & cols., 2003).

Quanto ao comportamento verbal, os resultados encontrados corroboram os encontrados por Hoff-Ginsberg (1991), que utilizou a classe social e o nível de escolaridade das mães como variáveis que influenciam no comportamento verbal das mães. Hoff-Ginsberg demonstrou que mães de classe média falam mais com seus filhos, utilizando com mais frequência o estilo conversacional elaborativo, o contrário ocorrendo com as mães de classe baixa, que utilizam mais o estilo diretivo.

Os resultados apresentados na Figura 5, somados aos da Figura 1, parecem sugerir que as mães da CEB têm menos tempo ou energia para se engajar nas interações e para conversar com seus filhos de maneira mais elaborada e rica, fazendo questionamentos e focalizando em atribuições e preferências dos bebês, o que também pode estar relacionado ao baixo nível de educação das mães.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou caracterizar o investimento parental e o estilo conversacional de díades mãe-bebê pertencentes às classes socioeconômicas baixa e média da cidade de Belém, por meio da observação direta da interação mãe-bebê durante sessões de banho e troca. Os dados mostraram diferenças entre as amostras estudadas em relação a renda mensal, nível de escolaridade, idade das mães, execução de trabalho remunerado, tipo de família e local de moradia, que indicam a existência de dois diferentes contextos sociais urbanos: um formado por mães de menor idade, baixa renda e menor nível de escolaridade (CEB), e outro, formado por mães de maior idade, poder aquisitivo e escolaridade (CEM). Quanto ao investimento parental, as mães da CEB priorizaram práticas que valorizam a interdependência, enquanto as mães da CEM priorizaram práticas parentais que valorizam tanto a autonomia quanto a relacionalidade durante as interações com seus bebês.

Esses dados se somam ao estilo conversacional utilizados pelas mães, que, embora as mães de classe baixa tenham falado pouco com seus bebês, em sua maioria, utilizando o estilo diretivo, as mães da classe média não diferiram muito quanto ao estilo conversacional utilizado durante as interações, apresentando percentagens muito próximas tanto para o estilo diretivo como para o elaborativo. Desta forma, os resultados encontrados para CEM corroboram a tendência atual de reconhecer a co-existência dessas duas dimensões, tanto em um nível individual quanto em um nível cultural, com diferentes ênfases em cada uma delas de acordo com características do contexto (Kagitçibasi, 2005; Seidl-de-Moura & cols, 2007; Silva, 2008).

Considera-se que o presente trabalho pode colaborar com a literatura brasileira e internacional sobre investimento parental pelos resultados descritos e pelo fato de eles terem sido encontrados a partir da análise da observação de interações entre mães e seus bebês.

O presente estudo apresentou algumas limitações que devem ser levadas em conta em pesquisas futuras. Selecionar as díades com bebê até seis meses tornou a amostra deste estudo muito pequena, dificultando o uso de testes estatísticos de maior poder e, conseqüentemente, os resultados não devem ser generalizados de forma absoluta para a população de Belém. No entanto, pelo fato de a amostra principal ter sido adequadamente selecionada, talvez a representatividade não tenha sido tão prejudicada. Um segundo problema, também ocasionado pela redução da amostra, é a predominância de bebês do sexo feminino na amostra de classe média. Isso pode ser uma variável explicativa alternativa para as diferenças entre grupos. Um terceiro problema refere-se ao contexto de cuidado primário como palco das interações. Tal contexto parece não favorecer a ocorrência de interações mais ricas, uma vez que a mãe tem tarefas concorrentes, como segurar o bebê para não escorregar ou cair, por exemplo.

Por fim, esse estudo poderia ser complementado com outros instrumentos de coleta, como questionários e/ou entrevistas sobre crenças e etnoteorias parentais aplicados aos mesmos participantes. Além disso, considera-se a necessidade de estudos longitudinais, que investiguem desde a concepção do bebê, seu nascimento, crenças e práticas de cuidado dos pais durante o primeiro ano de vida, metas de socialização a curto e longo prazo e impactos no desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

- ABEP. (2010). Critério de classificação econômica Brasil. Recuperado em 19 de setembro de 2011, de <http://www.abep.org>.
- Abels, M.; Keller, H.; Mohite, P.; Mankodi, H.; Shastri, J.; Bhargava, S.; Jasrai, S., & Lakhani, A. (2005). Early Socialization Contexts and Social Experiences of Infants in Rural and Urban Gujarat, India. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 36*, 717-738.
- Bandura, A., Ross, D., & Ross, S. A. (1963). A comparative test of the status envy, social power and the secondary-reinforcement theories of identification learning. *Journal of Abnormal and Social Psychology, 67*, 527-534
- Belsky, J., Bakermans-Kranenburg, M. J., & van Ijzendoorn, M. H. (2007). For better and for worse – Differential susceptibility to environmental influences. *Current Directions in Psychological Science, 16*(6), 300-304.
- Beltrão, Manuela C.M. (2010). *Convergências e divergências no sistema de crenças e práticas parentais: um estudo comparativo de duas amostras amazônicas*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará.
- Bornstein, M. H., Haynes, O. M., Pascual, L., Painter, K. M., & Galperin, C. (1999). Play in two societies: Pervasiveness of process, specificity of structure. *Child Development, 70*, 317–331.
- Brazelton, T. B. (1994). *Momentos decisivos do desenvolvimento infantil*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bussab, V. S. R., & Ribeiro, F. J. R. (1998). Biologicamente cultural. Em L. Souza; M. F. Q. Freitas & M. M. P. Rodrigues (Orgs.), *Psicologia – Reflexões (im)pertinentes* (p. 195-224). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Edwards, C. P., & Liu, W. L. Parenting toddlers. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Vol. 1. Children and parenting* (2nd ed., pp. 45 – 71). Mahwah, NJ: Erlbaum; 2002.

- De Albuquerque, R. D. L. (2009). *Investimento parental de mãe surda e mãe ouvinte e seus bebês ouvintes*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará.
- Feldman, R., Gordon, I., Schneiderman, I., Weisman, O., & Zagoory-Sharon, O. (2010). Natural variations in maternal and paternal care are associated with systematic changes in oxytocin following parent-infant contact. *Psychoneuroendocrinology*, *35*, 1133-1141.
- Harknesses, S., & Super, C. M. (1996). *Parents' cultural belief systems: their origins, expressions, and consequences*. Introduction (pp 1-23). New York: The Guilford Press.
- Hernández-Muela, S., Mulas, F., & Mattos, L. (2004). Plasticidad neuronal funcional. *Revista de Neurología*, *38(1)*, 58-68.
- Hoff-Ginsberg, E. (1991). Mother-child conversation in different social classes and communicative settings. *Child Development*, *62*, 782-796.
- Hopkins, B., & Westra, T. (1990). Motor development, maternal expectations, and the role of handling. *Infant Behavior and Development*, *13*, 117-122.
- Kagitcibasi, Cigdem. (2005). Autonomy and Relatedness in Cultural Context: Implications for Self and Family. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, *36*, 403-422.
- Keller, H. (1998). Diferentes caminhos de socialização até a adolescência. *Revista Brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, *8 (1,2)*, 1-14.
- Keller, H. (2002). Development as the interface between biology and culture: a conceptualization of early ontogenetic experiences. Em H. Keller; Y. H. Poortinga & A. Schölmerich (Orgs.), *Between culture and biology: perspectives on ontogenetic development* (pp. 320-340). Cambridge, Mass: Cambridge University Press.
- Keller, H. (2003). Socialization for competence. Cultural models of infancy. *Human Development*, *46*, 288-311.

- Keller, H. (2007). *Cultures of infancy*. Mahwah, nj: Lawrence Erlbaum Associates.
- Keller, H. Abels, M., Borke, J., Lamm, B., Su, Y., & cols. (2007). Socialization environments of Chinese and euro-american middle-class babies: Parenting behaviors, verbal discourses and ethnotheories. *International Journal of Behavioral Development* 31(3), 210-217.
- Keller, H., Abels, M., Lamm, B., Yovsi, R. D., Voelker, S., & Lakhani, A. (2005). Ecocultural effects on early infant care: A study in Cameroon, India, and Germany. *Ethos*, 33(4), 512-541.
- Keller, H., Borke, J., Staufenbiel, T., Yovsi, R. D., Abels, M., Papaligoura, Z., Jensen, H., Lohaus, A., Cjadhary, N., Lo, W. & Su, Y. (2009). Distal and proximal parenting as alternative strategies during infants' early months of life: A cross-cultural study. *International Journal of Behavioral Development*, 33 (5), 412–420.
- Keller, H., Borke, J., Yovsi, R., Lohaus, A., & Jensen, H. (2005). Cultural orientations and historical changes as predictors of parenting behaviour. *International Journal of Behavioral Development*, 29(3). 229-237.
- Keller, H., & Lamm, B. (2005). Parenting as the expression of sociohistorical time: The case of German individualism. *International Journal of Behavioral Development*, 29(3), 238–246.
- Keller, H., Lamm, B., Abels, M., Yovsi, R., Borke, J., Jensen, H., Papaligoura, Z., Holub, C., Lo, W., Tomiyama, A. J., Su, Y., Wang, Y. & Chaudhary, N. (2006). Cultural Models, Socialization Goals, and Parenting Ethnotheories : A Multicultural Analysis. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 37(2). 155-172.
- Keller, H., Hentschel, E., Yovsi, R. D., Lamm, B., Abels, M., & Haas, V. (2004). The psycho-linguistic embodiment of parental ethnotheories: anew avenue to understanding cultural process in parental reasoning. *Culture & Psychology*, 10(3), 293-329.

- Keller, H., Kärtner, J., Borke, J., Yovsi, R., & Kleis, A. (2005). Parenting styles and the development of the categorical *self*: A longitudinal study on mirror self-recognition in Cameroonian Nso and German families. *International Journal of Behavioral Development, 29*, 496-404.
- Keller, H., Kuensemueller, P., Abels, M., Voelker, S., Yovsi, R., & cols. (2005). *Parenting, culture, and development: a comparative study*. San José, Costa Rica: Institutos de investigações psicológicas.
- Keller, H., Lohaus, A., Voelker, S., Cappenberg, M., & Chasiotis, A. (1999). Temporal contingency as an independent component of parenting behavior. *Child Development, 70*, 474-485.
- Keller, H., Papaligoura, Z., Kuensemueller, P., Voelker, S., Papaeliou, C., Lohaus, A., Lamm, B., Kokkinaki, T., Chrysiou & Mousouli, V. (2003). Concepts of mother-infant interaction in Greece and Germany. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 34*, 677-689.
- Keller, H., Voelker, S., & Yovsi, R. D. (2005). Conceptions of parenting in different cultural communities: the case of West African Nso e Northern German Women. *Social Development, 14(1)*, 158-180.
- Keller, H., Yovsi, R. D., & Voelker S. (2002). The role of motor stimulation in parental ethnotheories: the case of cameroonian Nso and german women. *Journal of Cross-cultural Psychology, 33(4)*, 398-414.
- Kobarg, A. P. R., Sachetti, V. A. R., & Vieira, M. L. (2006). Valores e crenças parentais: reflexões teóricas. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, 16(2)*, 96-102.
- Macarini, S. M. (2009). *Autonomia e interdependência: Sistema de crenças parentais de mães residentes em pequenas cidades e capitais do Brasil*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Macarini, S. M., Martins, G. D. F., Minetto, M. F. J., & Vieira, M. L. (2010). Práticas parentais: uma revisão da literatura brasileira. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 62(1)*, 119-134.
- MacDonald, K. B. (1992). Warmth as a developmental construct: An evolutionary analysis. *Child Development, 63*, 753-773.

- Massimini, F., & Fave, A. D. (2000). Individual development in a bio-cultural perspective. *American Psychologist*, 55(1), 24-33.
- Mendes, D. M. L. F. (2008). *Ontogênese do sorriso no contexto da interação mãe-bebê*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Menezes, F. G. M., Costa, L. C. A., De Albuquerque, R. D. L., & Garotti, M. F. (2007, impresso). Comportamento verbal e vocal entre mães e bebês em situação de banho e troca.
- Nogueira, S. E. (2004). *Atenção conjunta e intersubjetividade em crianças autista e com desenvolvimento típico: um estudo longitudinal e um estudo comparativo*. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2006). *Desenvolvimento humano* (Trad. Daniel Bueno, 8ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Piovanotti, M. (2007). *Crenças maternas sobre práticas de cuidado parental e metas de socialização infantil*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Rabinovich, E. P. (2002). Contextos coleivistas de desenvolvimento : uma análise comparativa intercultural. Em E. R. Lordelo, A. M. A. Carvalho, & S. H. Koller (Orgs.). *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento*. (p. 163-201). São Paulo : Casa do Psicólogo/EDUFBA.
- Ribas, A. F. P., & Seidl de Moura, M. L. (1999). Manifestações iniciais de trocas interativas mãe-bebê e suas transformações. *Estudos de Psicologia*, 4(2), 273-288.
- Ribas Jr, R. C., & Bornstein, M. H. (2005) Parenting knowledge: Similarities and differences in brazilian mothers and fathers. *Revista Interamericana de Psicología*, 39(1), 5-12.

- Ribas Jr, R. C.; Seidl de Moura, M. L., & Bornstein, M. H. (2003). Socioeconomic status in Brazilian psychological research: II socioeconomic status and parenting knowledge. *Estudos de Psicologia, 8(3)*, 385-392.
- Ruela, S. F. (2006). *Um estudo intergeracional de crenças valorizadas por mães em uma comunidade rural do estado do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- Santos, I. B. C., & Otta, E. (2007). Práticas de cuidado parentais e metas de desenvolvimento em diferentes ambientes culturais: comparação entre ambiente urbano e rural. In: XV Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP, 2007, São Paulo. Anais do XV Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP.
- Seidl de Moura, M. L., Lordelo, E., Vieira, M. L., Piccinini, C. A., Magalhães, C. M. C., Pontes, F. A. R., & cols. (2007). Metas de socialização de mães de sete cidades brasileiras: uma análise de conteúdo. *Cadernos de Resumos da X Semana Científica do Laboratório de Psicologia* (p. 3-4). Belém. UFPA.
- Seidl de Moura, M. L., Lordelo, E., Vieira, M. L., Piccinini, C. A., Siqueira, J. O., Magalhães, C. M. C., Pontes, F. A. R., Salomão, N. M., & Rimoli, A. (2008). Brazilian mothers' socialization goals: intracultural differences in seven Brazilian cities. *International Journal of Behavioral Development, 32(6)*, 465-472.
- Seidl de Moura, M. L., & Ribas, A. F. P. (2004). Evidências sobre características de bebês recém-nascidos: um convite para reflexões teóricas. Em M. L. Seidl de Moura (Org), *O bebê do século XXI e a psicologia em desenvolvimento* (pp. 21-59). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Seidl de Moura, M. L.; Ribas, A. F. P.; Seabra, K. C.; Pessôa, L. F., Nogueira, S. E., Mendes, D. M. L. F., & cols. (2008). Interações mãe-bebê de um e cinco meses: aspectos afetivos, complexidade e sistemas parentais predominantes. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 21(1)*, 66-73.

- Seidl de Moura, M. L.; Ribas Jr, R.C; Piccinini, C. A.; Bastos, A. C.; Magalhães, C. M. C.; Vieira, M. L.; Salomão, N. M. R.; Silva, A. M. P. M. & Silva, A. K. (2004). Conhecimento sobre o desenvolvimento infantil em mães primíparas de diferentes centros urbanos do Brasil, *Estudos de Psicologia*, 9(3), 421-429.
- Silva, R. A. (2008). *Cognições parentais: crenças, metas e estratégias de socialização de mães primíparas*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Belém, Pará.
- Toni, P. M., Salvo, C. G., Marins, M. C., & Weber, L. N. D. (2004). Etologia humana: o exemplo do apego. *Psico-USF*, 9, 99-104.
- Tulviste, T., (2004). Mothers' conversational styles across cultures: The cases of Estonia, Finland, Sweden, and the U.S. Em B. N. Setiadi, A. Supratiknya, W. J. Lonner & Y. H. Poortinga (Eds.). *Ongoing themes in psychology and culture* (Online Ed.). Melbourne, FL: International Association for Cross-Cultural Psychology. Recuperado em 10 de novembro de 2012, de <http://www.iaccp.org>.
- Tulviste, T., & Kants, L. (2001). Conversational styles of mothers with different value priorities: Comparing Estonia mothers in Estonia and Sweden. *European Journal of Psychology of Education*, 16(2), 223-231.
- Tulviste, T., Mizera, L., De Geer, B., & Tryggvason, M.-T. (2007). Child-rearing goals of Estonian, Finnish, and Swedish mothers. *Scandinavian Journal of Psychology*, 48, 487-497.
- Vieira, M. L., Seidl de Moura, M. L., Lordelo, E., Piccinini, C. A., Martins, G. D. F., & cols. (2010). Brazilian mother's beliefs about child-rearing practices. *Journal of cross-cultural psychology*, 41(2), 195-211.
- Vieira, M. L., & Prado, A. B. (2004). Abordagem evolucionista sobre a relação entre filogênese e ontogênese no desenvolvimento infantil. Em Seidl de Moura, M. L. (Org), *O bebê do século XXI e a psicologia em desenvolvimento* (pp. 155-203). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Wang, Q. (2001a). "Dids you have fun?" American and Chinese mother-child conversations about shared emotional experiences. *Cognitive Development, 16*, 693-715.
- Wang, Q. (2001b). Culture effects on adults' earliest childhood recollection and self-description: Implicationsfor the relation between memory and the self. *Journal of Personality and Social Psychology, 81*(2), 220-233.
- Wang, Q., Leichtman, M. D., & Davies, K. (2000). Sharing memories and telling stories: American and Chinese mothers and their 3-years-old. *Memory, 8*(3), 159-177.
- Ward, L. M. (2001). Human neural plasticity. *Cognitive Science, 5*(8), 325-327.
- Weber, L. N. D. (2004). A evolução das relações parentais: uma abordagem etológica. *Psicologia Argumento, 22*(38), 19-26.

ANEXOS

ANEXO I – Carta de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS



Carta Provisória: 154/10 CEP-ICS/UFPA

Belém, 10 de novembro de 2010.

Mariane Sarmiento da Silva

Senhora Pesquisadora,

Temos a satisfação de informar que seu projeto de pesquisa "INVESTIMENTO PARENTAL DE MÃES DE DOIS CONTEXTOS SOCIOECONÔMICOS URBANOS DO PARÁ" de CAAE 0114.0.073.000-10 e parecer nº 160/10 - CEP-ICS/UFPA, foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará, na reunião do dia 10 de novembro de 2010.

Assim, Vossa Senhoria tem o compromisso de entregar a este CEP, no dia 13 de outubro de 2012, um relatório indicando qualquer alteração que possa ocorrer após a aprovação do protocolo.

Atenciosamente,


Prof. Dr. Wallace Raimundo Araújo dos Santos.
Coordenador do CEP-ICS/UFPA

ANEXO II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezada senhora:

Vimos convidá-la a participar da pesquisa intitulada **“Cuidados parentais e trajetórias de desenvolvimento: um estudo observacional de díades mãe-bebê de dois níveis socioeconômicos de Belém, Brasil”**.

Objetivo do estudo: O projeto tem como objetivos gerais: a) comparar o tipo de investimento parental priorizado por díades mãe-bebê pertencentes às classes socioeconômicas baixa e média da cidade de Belém; e b) identificar e descrever o estilo conversacional priorizado nas emissões verbais das mães quando em interação verbal com seus bebês.

A sua participação é voluntária. Caso você aceite participar, solicitamos sua permissão para que possamos: a) realizar uma entrevista com você; b) realizar visitas mensais para observar a interação mãe-bebê desde o nascimento até os 12 meses de vida do bebê, em situações de banho e troca; b) filmar e/ou fotografar as interações entre mãe-bebê por um período de no máximo 30 minutos. Esses procedimentos não trazem riscos ou desconfortos para você nem para o bebê, uma vez que as observações das interações serão realizadas de acordo com sua rotina diária e conveniência. Informamos, também, que a qualquer momento você poderá desistir da participação na pesquisa. Vocês não terão nenhum tipo de despesa para participarem desta pesquisa, e nada será pago por sua participação. Entretanto, vocês poderão ter acesso aos relatórios da pesquisa contendo os resultados do estudo.

Sigilo absoluto. Você e seu bebê terão as identidades preservadas e apenas os pesquisadores terão acesso direto às informações coletadas. Os dados da pesquisa também poderão ser utilizados para fins de ensino e durante encontros e debates científicos.

Benefícios. Ao participar desta pesquisa não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que esta pesquisa forneça informações importantes sobre aspectos do desenvolvimento infantil e das interações entre mãe e bebê. No futuro, essas informações poderão ser usadas em benefício de outras crianças brasileiras.

Qualquer informação adicional ou esclarecimentos acerca desta pesquisa poderão ser obtidos com os pesquisadores pelo telefone (91) 3226-1916 (supervisora) ou 99415874 (pesquisadora responsável).

Eu, Sr^a. _____, considero-me informada sobre a pesquisa **“Investimento parental de mães de dois contextos socioeconômicos urbanos de Belém”**, e aceito participar da mesma, consentindo que as observações sejam registradas em vídeo e/ou fotografias e os dados utilizados para análise e discussão científicas.

Belém, ____/____/____.

Assinatura do entrevistado

Assinatura do pesquisador

ANEXO III – Anamnese

Nome da criança:

Idade:

Nome da mãe:

Idade:

Escolaridade:

Endereço:

Telefone:

Ordem da gravidez?

Roteiro para análise da moradia

1. Localização: () Urbano () Semi-Urbano.

a) Bairro: () Central () Periferia () Antigo () Novo () Residencial

b) Tipo de terreno: () Seco () Aterrado () Semi-aterado () Alagado () Semi-alagado
() Adquirido () Cedido () Ocupado

c) Via: () Avenida () Rua () Vila () Beco

d) Casa: () Isolada () Geminada () Apartamento () Cortiço () Casa popular () Casarão
() Próprio () Alugado () Mora com os pais ou com sogros

2. Moradores

a) Moradores permanentes:

b) Trabalho atual:

Renda familiar:

d) Quem contribui:

Com quanto:

3. Infra-estrutura

a) Origem da água: () Poço () Encanada () Não encanada.

b) Tipo de esgoto: () Fossa negra/ seca/ séptica () Aberto () Rede pública.

Lixo: () Enterrado () Queimado () Ar livre () Córrego () Coleta pública

4. Estrutura

a) Número de cômodos: Material das paredes: Teto: Chão:

b) Aparelhos domésticos:

() TV () Rádio () Aparelhos de som () Geladeira () fogão () Liquidificador

() Ferro de passar () Máquina de lavar () computador () Telefone () Microondas

() Aparelhos de controlar entrada/saída () Ar condicionado () Secadora de roupa

() Vídeocassete () Carro